

BLOGÁRIO

BLOGÁRIO

- **Ana Paula Martins Corrêa Bovo** (UEMG – ana.bovo@uemg.br)
- **Andréa Lourdes Ribeiro** (UEMG – andrea.ribeiro@uemg.br)
- **Alanna Landim** (CEFET-MG – alannac.landim@gmail.com)

Resumo:

Neste texto, apresentamos a motivação, a base teórico-metodológica e os primeiros resultados de uma proposta de percurso didático pensada como projeto-piloto. De forma geral, o percurso do Blogário consiste na construção de um sítio na internet como parte das atividades da disciplina Leitura e Produção Textual. A ideia, inspirada nas discussões sobre o letramento, a educação híbrida e trabalho com a perspectiva discursiva da linguagem, é estimular os alunos a criarem textos coletivos compartilhados segundo a lógica dos blogs e dos glossários. Dessa forma, ao mesmo tempo que incentivamos a apropriação de saberes próprios da esfera acadêmica, também estimulamos a reflexão sobre a vivência deste aprendizado e a produção de gêneros típicos do ciberespaço. O texto apresenta, portanto, uma definição inicial do termo Blogário, comenta sobre a contextualização da proposta, discute as teorias que estruturaram a base do planejamento e descreve o desenvolvimento da atividade e os primeiros resultados obtidos.

Palavras-chave: Práticas de escrita, letramento acadêmico, letramento digital

Abstract:

In this text, we present the motivation, the theoretical-methodological basis and the first results of a didactic course proposal thought as pilot project. In general, the course of the "Blogário" consists of the construction of a website as part of the activities of Reading and Textual Production. The idea, inspired by the discussions about literacy, hybrid teaching and working with the discursive perspective of language, is to encourage students to create shared collective texts according to the logic of blogs and glossaries. Thus, at the same time as we encourage the appropriation of knowledge proper to the academic sphere, we also stimulate reflection on the experience of this learning and the production of typical genres of cyberspace. The text presents, therefore, an initial definition term "Blogário", comments on the contextualization of the proposal, discusses the theories that structured the basis of the planning and describes the development of the activity and the first results obtained.

Keywords: Writing practices, academic literacy, digital literacy

1. O que é e como se faz

Não iniciaremos falando do vertiginoso desenvolvimento das tecnologias no contexto contemporâneo e nem das mudanças que elas trazem. As reconfigurações do tempo, do espaço, da própria noção de presencialidade; das práticas de leitura e escrita e de outras práticas sociais estão sendo vivenciadas plenamente e nossa própria afirmação de não começar o texto marcando essa presença já as torna o princípio no texto.

O título deste item 1 justifica-se pela necessidade de trazer à discussão certas práticas de leitura e escrita, especialmente em relação ao desenvolvimento da escrita na esfera acadêmico-universitária. Afinal, é da vivência destas práticas que nasce a ideia de desenvolver o percurso de ensino-aprendizagem do qual vamos falar neste artigo. O mote “o que é e como se faz” tem sido muito utilizado no âmbito das iniciativas que pretendem “ensinar” a escrever na universidade, ensinar os gêneros acadêmicos. Entretanto, é na problematização destas orientações que podemos compreender a lógica que as gera e desenvolver modos de responder criticamente a demandas dessa e de outras ordens.

Muitas das problemáticas vivenciadas na roteirização de disciplinas como Leitura e Produção Textual, ou seja, daquelas disciplinas criadas para inserção dos alunos na escrita acadêmica parecem ser comuns aos profissionais de qualquer universidade que as projete em seu currículo, independente das diferenças entre seus públicos e os seus objetivos. A motivação para o desenvolvimento deste percurso que ora iremos apresentar foi gestada, então, no seguinte contexto: vontade de responder ao desafio de se pensar em mudanças na perspectiva do processo de aprendizagem do que chamamos “escrita acadêmica¹”; necessidade de reforma dos projetos pedagógicos dos cursos da instituição na qual estamos inseridas² e, especialmente, pelas discussões que temos promovido e vivenciado no âmbito dos grupos de pesquisa dos quais fazemos parte.³

De forma geral, o percurso do Blogário consiste na construção de um sítio eletrônico/digital. A ideia é estimular os alunos a criarem textos coletivos compartilhados segundo a lógica dos blogs e dos glossários. Dessa forma, ao mesmo tempo que incentivamos a apropriação de saberes próprios da esfera acadêmica, também estimulamos a reflexão sobre a vivência deste aprendizado e a produção de gêneros típicos do ciberespaço. A atividade foi pensada no intuito de desenvolver, para além da apresentação de “regras” standartizadas que teoricamente ensinam como produzir determinados gêneros textuais, um percurso de aprendizado sobre a produção, circulação e recepção de gêneros discursivos, o que contempla também o desenvolvimento de uma postura autoral do aluno frente ao arcabouço conceitual estudado.

Até o momento, expusemos aqui “o que é” o Blogário ou o que foi planejado para ele. O “como se faz” ou “como estamos fazendo” é o que queremos explicitar no decorrer do texto.

¹ Há controvérsias em relação ao uso dos termos escrita acadêmica, escrita científica, escrita universitária etc. Optamos pelo termo “escrita acadêmico-universitária”. É como resolvemos chamar o tipo de escrita que se desenvolve no processo de formação profissional e de pesquisa na universidade.

² Há cerca de 3 anos vivenciamos um processo institucional de reformulação dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos em nossa instituição.

³ As autoras participaram de grupos diversos de pesquisa em sua trajetória e, juntas, provovem as discussões de um grupo na instituição que toma como temática principal a questão da aprendizagem relacionada às linguagens e às tecnologias digitais.

2. Contextualização

É preciso dizer que a forma como se concebe a formação acadêmica, de modo geral, é marcada pela maneira como organizamos historicamente as nossas universidades⁴. Há, ainda, diversas pressões relativas ao modo capitalista de se conceber (e avaliar) a produção científica e profissional e uma tradição de ensino, em todos os níveis, calcada fortemente na lógica de “transmissão do conhecimento”. E tudo isso tem relação com a produção escrita que almejamos desenvolver no ensino superior porque os processos acontecem sempre em condições de produção específicas. Sendo assim, a disciplina Leitura e Produção Textual (ou afins) por vezes é pensada nos currículos das universidades com o intuito de “suprir uma lacuna”. No Brasil, especialmente, essa lacuna é constantemente associada a “problemas estruturais” do ensino básico, já que um dos argumentos usados para legitimação da disciplina é de que os estudantes, de forma geral, estão chegando ao ensino superior “sem saber escrever”. Entretanto, se observarmos outros países, como a França⁵, que vivencia condições estruturalmente diversas no ensino básico, veremos que a necessidade de disciplinas de tal natureza vai ao encontro de demandas ligadas a práticas sociais bem próprias, como as que acontecem na esfera acadêmico-universitária.

Sem desconsiderar as dificuldades próprias do nosso alunado – muitas vezes geradas sim por um sistema de ensino ainda deficitário – e a necessidade de trabalho com aspectos textuais e gramaticais bastante específicos; para quem acredita num processo de aquisição e desenvolvimento da escrita centrado nas práticas sociais concretas dos indivíduos, considerando as diversas ideologias, as relações de poder, a inserção do indivíduo na história, as culturas locais, as identidades e as relações entre os diversos grupos (STREET, 2014), fica evidente que os problemas relativos ao desenvolvimento da escrita na esfera acadêmico-universitária estão intimamente relacionados com as possibilidades (ou com a falta delas) de se estabelecer relações entre os conhecimentos já adquiridos pelos estudantes e os novos conhecimentos que eles devem desenvolver, além da falta de compreensão e, conseqüentemente, de significação, para o estudante, de produtos gerados pelas atividades sociais típicas deste espaço.

Considerando o processo típico de todo aprendizado – que envolve sempre um certo “desconcerto” frente ao que ainda é desconhecido e alguma dificuldade inerente ao desenvolvimento de novos saberes, fazeres e agires –, é preciso, por outro lado, considerar a crescente distância entre as práticas culturais dos estudantes que estão entrando na universidade atualmente e as práticas próprias deste espaço, tendo em vista os aspectos apontados acima em relação ao modo como se concebe a universidade e o ensino, de forma geral. Afinal, grande parte das pessoas que entram hoje para cursar um curso de graduação vive uma cultura influenciada pelo grande (e vertiginoso até) desenvolvimento das TICs, das TDICs, da internet. Estamos em plena cibercultura, a qual convive com outras culturas, num processo permanente de múltiplas configurações sociais. Como nos lembra Rojo (2012),

⁴ Estamos nos referindo aos modos de organização da carreira docente e da formação universitária: em níveis e com ‘rituais de passagem’ de um grau a outro, de um nível a outro.

⁵ Fazemos a observação com base no histórico da tradição francesa em relação a estudos sobre a área de Didática da escrita (Bronckart, 2015).

pensar a sociedade atual é pensar não somente na variedade de práticas letradas (reconhecidas ou não), mas considerar o profundo hibridismo dos processos e produtos. No livro *Multiletramentos na escola*, por exemplo, Rojo e Moura (2012), com base nesta ideia, procuram traçar caminhos para o desenvolvimento de um trabalho que normalmente envolve uso de “novas tecnologias”, entretanto, a proposta é partir das culturas de referência do alunado para ampliar o seu repertório cultural “em direção a outros letramentos”.

Grande parte dos alunos que estão na universidade hoje viveu (e vive) boa parte da vida num mundo onde as hierarquias são constantemente questionadas ou mesmo desconsideradas, onde as formas de se organizar socialmente estão em grande efervescência e mudança e onde existe muita produção escrita e multimidiática, embora com uma lógica própria de circulação e recepção. Há que se considerar também a convivência entre o processo de desenvolvimento desta cultura “ciber” e as resistências a ela, as quais não são intrinsecamente negativas, mas, como se disse, fazem parte da própria dinâmica das transformações sociais. Ou seja, na universidade, como no mundo, há um “caldeirão” de culturas, as quais exercem influência e, ao mesmo tempo, são parte das práticas vivenciadas. No âmbito acadêmico, temos movimentos de confluência e de resistência entre essas diversas culturas.

3. Ideias inspiradoras

Belloni (1999) retoma a ideia comentada por outros autores de que tecnologia e pedagogia sempre foram elementos fundamentais e inseparáveis na educação. Afinal, educar sempre foi um processo complexo que utiliza a mediação de algum tipo de comunicação como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal e direta com os estudantes. A sala de aula, por exemplo, poderia ser considerada uma tecnologia de acordo com esta perspectiva. Embora a experiência humana tenha sido sempre mediada através da socialização e da linguagem, na modernidade, com as mídias típicas “de massa”, essa mediação cresce exponencialmente.

Desse modo, o conceito de educação híbrida (Bacich; Moran, 2015) parece muito inspirador porque instiga a pensar em várias “misturas” que envolvem os processos de ensino-aprendizagem, desde os tempos e espaços que se hibridizam atualmente com o uso cada vez mais frequente do ciberespaço e da internet na escola até os diversos modos de ensinar e aprender que sempre existiram, dentro e fora da escola, individualmente e em grupo, envolvendo diferentes tecnologias e diferentes saberes.

Igualmente, a ideia de que existe uma discrepância enorme entre o que se considera “saber importante” nas instituições escolares e o que é realmente significativo na vivência dos estudantes nos desafia a repensar as práticas educacionais, inclusive na universidade. O fato é bem demonstrado no estudo feito por Cassany & Hernandez (2012) sobre a estudante Mei, a qual, apesar de autora/mediadora/participante de vasta produção em diversos sítios da internet (blogs, fanfics, fóruns etc), não conseguiu entrar na universidade porque reprovou em algumas disciplinas do BAC⁶, sendo considerada aluna “com muitas

⁶ O Bachillerato na Espanha corresponde ao nosso Ensino Médio.

dificuldades”. O estudo de caso em questão aponta, com base em outros estudos de caráter etnográfico, a distância entre “as tarefas da vida” e “as tarefas da escola”. A tentativa que fazemos, por meio do artigo em questão, é considerar, mesmo sem se poder generalizar o estudo de caso, os resultados obtidos como importantes para se pensar a integração entre “la red, lo vernáculo y el académico”, tendo em vista que o vernáculo está ligado aos conhecimentos e ao modo de se expressar que marca a identidade em constituição do sujeito que aprende e que essas práticas, longe se mostrarem pobres ou caóticas, embora diferentes das práticas letradas de prestígio, são ricas, diversificadas e, especialmente, significativas na vida dos estudantes; constituindo-se, assim, em “ponto de partida” para o processo educativo. Ademais, é preciso levar em consideração que as práticas de linguagem (inclusive as mais tradicionais) são sempre dinâmicas e se interinfluenciam, mesmo que em ritmos diferentes.

Num outro texto de Cassany (Cassany; Castellà, 2010), o conceito de leitor crítico é discutido à luz de um quadro histórico da evolução dos conceitos letramento (*literacidad*) e crítica. A conclusão dos autores indica que, para compreender criticamente, é preciso realizar algumas ações, as quais implicam basicamente situar o discurso, reconhecer e participar das práticas discursivas e calcular os efeitos do discurso numa comunidade. Isso vai ao encontro, a nosso ver, tanto de uma perspectiva mais ideológica de letramento (como a define Street) quanto de uma concepção discursiva sobre linguagem.

A tela, como disse Magda Soares (2002), como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças na vida e nas práticas sociais, devido ao tipo de interação que proporciona entre autor/texto/leitor. Aposta-se que essas mudanças tem trazido e ainda vão trazer inúmeras consequências e configurariam-se, por isso, num “estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela” (Soares, 2002, p.146).

Embora saibamos que existem concepções diferentes para o conceito de letramento, o que consideramos essencial para a reflexão (e para as ações que podem ser gestadas a partir dela) que desenhamos aqui é o reconhecimento das implicações que o conjunto das práticas sociais, em seus modos específicos de funcionamento, traz para o processo de construção das identidades e das relações de poder entre os sujeitos envolvidos, o que é apontado por Kleiman, por exemplo, já nos anos 90 (Kleiman, 2012). Entretanto, a mudança que resulta das pesquisas e estudos feitos em várias áreas do conhecimento sobre os processos educacionais em geral e sobre a aquisição e desenvolvimento da escrita em particular não é algo simples e nem acontece homoganeamente. Pedro Demo, por exemplo, chega a sugerir, tendo em vista (achamos) a imensa necessidade de renovação dos processos de ensino e aprendizagem, que o professor “abandone” sua “pasmaceira e a decomposição secular (...), emergindo como figura criativa de proa, capaz de puxar o processo correto de mudança social” (DEMO, 1993, p. 168).

Assim, mesmo que o processo de transformação social e, conseqüentemente, o de transformação da Educação, seja complexo e multifacetado, envolvendo diversos atores, evoluindo em ritmo considerado por demais lento muitas vezes, o papel do professor é (e talvez justamente por essas razões) extremamente importante, afinal, ele é o roteirizador responsável por traçar os mapas de navegação e orientar as rotas do processo, criando

ambientes de aprendizagem, materiais e recursos potencialmente (e/ou virtualmente⁷) produtivos.

De qualquer forma, parece-nos que o mais importante é que, para que haja desenvolvimento de uma educação de fato “tecnológica”, ou seja, que integre criticamente as tecnologias (especialmente as digitais) e a internet na perspectiva do letramento⁸, é preciso haver a mudança das concepções e das metodologias. Afinal, atividades isoladas ou práticas isoladas perdem grande parte de seu poder de mudança e contribuição, justamente porque estão fora da lógica dominante. Mas, quando a mudança no micro vem acompanhada da problematização do macro, ela tende a ganhar força e ser acompanhada de outras mudanças também, em diferentes níveis. E por isso nos pareceu especialmente importante frisar que a proposta do Blogário nasce da contextualização descrita acima, da qual faz parte, fundamentalmente, o processo de reflexão sobre o currículo⁹ concomitantemente com a realização de pesquisas e os esforços de repensar as práticas educacionais.

4. Blogário “em construção”

O Blogário está se constituindo, então, num espaço de escrita inspirado na lógica de duas práticas de linguagem: os blogs e os glossários. A proposta em questão foi pensada, como dissemos, a partir da reflexão apresentada no decorrer deste texto. Desse modo, apresentamos, neste artigo, a realização do “projeto piloto” que foi planejado durante o primeiro semestre de 2017 e desenvolvido no segundo semestre do mesmo ano em duas turmas de primeiro período de cursos de Licenciatura de nossa instituição. A proposta fez parte do conjunto de atividades da disciplina de Leitura e Produção Textual, a qual permitia, com a alteração realizada em sua ementa a partir deste mesmo ano (no novo Projeto Político Pedagógico), que se trabalhasse “a língua como atividade social”, compreendendo “o processo de autoria e a escrita no espaço acadêmico”.

É importante dizer também que a proposta nasce a partir da experiência com a própria disciplina e inspirada pelo uso constante, como recurso de pesquisa especialmente, de verbetes e blogs indicados na bibliografia do curso e como apoio ao processo de familiarização dos estudantes com temas, modos de composição e também de estilo. Estes

⁷ Os parênteses se justificam pela possibilidade de se “opor” o virtual tanto ao atual quanto ao presencial. O virtual considerado como potência se “opõe” ao atual (o que atualiza o ato) e o virtual considerado como presença não-física se “opõe” ao presencial.

⁸ Diversos estudos apontam para a diversidade do letramento e muitos autores utilizam a expressão no plural, inclusive para marcar singularidades de diversos letramentos: o letramento acadêmico, o letramento digital etc. No caso, optamos por manter o termo letramento por entender que a concepção adotada abarca os aspectos importantes do processo em questão.

⁹ É importante dizer que as discussões feitas em nosso grupo de pesquisa sobre a formação de professores culminaram na definição inicial de 3 (três) ações que devem ser (e foram) consideradas para a reformulação de Projetos Pedagógicos dos cursos de formação inicial de professores de Língua Portuguesa, ações essas pautadas tanto na orientação das diretrizes do Conselho Nacional de Educação CNE/CP 02/2015 e quanto no papel do professor enquanto sujeito que participa e que forma outros para participar das práticas sócio-comunicativas em circulação no ambiente virtual: Atualizar os currículos dos cursos de Letras valorizando os multiletramentos, em especial, o letramento digital; fomentar a cibercultura no ensino, dando significado ao ciberespaço em práticas de ensino-aprendizagem; formar professores aptos a formular práticas de ensino e materiais didáticos que introduzam o hipertexto como objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa.

gêneros ou práticas, de forma geral, são mais facilmente compreendidos pelos ingressantes que outros textos próprios das práticas acadêmicas, como artigos científicos, ensaios etc.

A atividade foi processual e aconteceu durante todo o semestre envolvendo as seguintes ações no cronograma: 1) Pesquisa sobre os termos BLOG, VERBETE E GLOSSÁRIO; 2) Discussão sobre a proposta da atividade; 3) Oficina sobre criação de blogs, escrita compartilhada e QR Code.

Considerando os objetivos de compreensão do modo de produção, circulação e recepção de blogs e de glossários; a investigação, descrição e organização de conceitos e o planejamento de um texto escrito, a ideia era que os alunos conseguissem responder a uma demanda específica de produção escrita, a qual, ao mesmo tempo, é uma criação conjunta, já que a própria definição do que seja o Blogário está sendo construída a partir das respostas das turmas a tal demanda. Por isso, a discussão e o processo de compartilhamento são tão importantes. Este compartilhamento envolve tanto a escolha dos próprios verbetes quanto as imagens e outros recursos multimidiáticos, as estratégias de construção, de escrita e a redação final dos textos.



Figura 1. Blogário em construção.

Fonte: <http://blogario-uemg.blogspot.com.br/2017/09/sobre-o-blogario.html>



Figura 2. Blogário em construção: verbete Resenha

Fonte: <http://blogario-uemg.blogspot.com.br/2018/03/resenha.html>

Desse modo, gostaríamos de falar um pouco mais de três procedimentos que consideramos de fundamental importância no processo: a pesquisa, a oficina e a escolha dos verbetes. O intuito da *pesquisa* era fazer com que os alunos compreendessem mais plenamente a lógica de produção, circulação e recepção destes textos/suportes¹⁰ - os blogs e os glossários – os quais, de todo modo, já estavam presentes em suas práticas de leitura anteriores e/ou no âmbito da disciplina em questão. O Blog¹¹, como prática “nascida” na “rede” e bastante difundida. Atualmente, é utilizado com os mais diversos objetivos (noticiar, informar, orientar, comentar etc) entretanto, percebe-se que guarda uma intimidade com a intenção de “falar de si” ou de expor-se. Já o Glossário pode ser definido como um “conjunto de termos de uma área e seus significados”¹² e é uma prática já antiga, a qual atende a diversos objetivos também, tornando-se, por vezes, conjunto de explicações sobre os termos de uma obra ou tendo outra finalidade similar. Atualiza-se, como todas as práticas de linguagem, tornando-se, por vezes, “o próprio texto”¹³.

Já a *oficina* permitiu aos alunos que tivessem acesso a conhecimentos, técnicas, ferramentas que os auxiliariam na compreensão e na confecção (saberes e fazeres) de um

¹⁰ Há autores que classificam o blog como gênero textual, outros que o classificam como suporte. Não entraremos nesta discussão. Devido ao nosso foco, optamos pela denominação “prática de escrita”.

¹¹ Blog é uma corruptela de weblog, expressão que pode ser traduzida como “arquivo na rede”. Os blogs surgiram em agosto de 1999 com a utilização do software Blogger, da empresa do norte-americano Evan Williams. O software fora concebido como uma alternativa popular para publicação de textos on-line, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação. A facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos em rede foram – e são – os principais atributos para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de auto-expressão (KOMESU, 2004).

¹² Definição corrente em vários dicionários.

¹³ Referência à apresentação feita no Glossário do CEALE, o qual é parte constante da bibliografia da disciplina Leitura e Produção Textual. <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/apresentacao>

espaço virtual de um blog, de um texto colaborativo pela rede e de códigos QR. O conhecimento das ferramentas é importante para que desenvolvam relativa autonomia sobre certas tecnologias e possam aplicá-las a contextos educacionais.

A *escolha* dos verbetes é outro ponto fundamental, pois é a escolha dos temas que trará significado para a relação dos escreventes com os conhecimentos do âmbito teórico concernentes à área da Leitura e da Escrita, de forma geral. O intuito foi proporcionar, também neste procedimento, a oportunidade de se fazer relações entre diversos saberes e a possibilidade de falar de temas que, se não estão diretamente ligados aos conhecimentos da área disciplinar em questão, fazem parte de seus interesses como estudantes universitários, como licenciandos, como cidadãos.

5. Resultados

A atividade foi desenvolvida, como já dissemos, ao longo do semestre e envolveu duas turmas de licenciatura. No total, foram dez temas escolhidos e todo o processo de escrita foi realizado por meio de documento compartilhado no Google Drive entre os grupos e a professora e também durante o horário de aula. Todos foram responsáveis também pela edição final dos textos, pois houve troca das primeiras versões dos verbetes entre os grupos, com sugestões de uns para os outros. Houve, ainda, seleção de imagens e outros recursos multimodais para compor o sítio do Blogário e escolha de alguns verbetes para serem divulgados por meio e QR Code.

O nosso objetivo, neste artigo, foi apresentar as motivações, as ideias e teorias que nos inspira(ra)m e o que construímos até agora. Consideramos a primeira fase do projeto finalizada. O momento posterior será o de continuar a construção a partir de seus pilares, fazendo ajustes no planejamento a partir da avaliação da aplicação da atividade, do desenrolar deste projeto piloto e do produto gerado. Para o presente artigo, no entanto, optamos por descrever nosso processo de construção por entendermos que o caminho teórico-metodológico percorrido até aqui é a fase de constituição das bases de um projeto que se entende de ensino e de pesquisa ao mesmo tempo. Resumindo, podemos dizer que a atividade em questão é uma tentativa de criar um percurso de aprendizagem significativo, trabalhando o caráter híbrido da aprendizagem e a natureza dinâmica da linguagem de forma situada. É oportuno lembrar o que diz Moran sobre a realidade da educação hoje, quando os processos de ensinar e de aprender acontecem numa espécie de simbiose profunda entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. “Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente” (MORAN, 2015). Mesclar o Blog ao Glossário é uma tentativa, como se disse, de instigar à produção de textos que abordem temáticas da disciplina e do contexto acadêmico, formas de saber e fazer típicas da academia - que envolvem processos de pesquisa, de manejo de conceitos, de referenciação -, mas também envolvam, além do esforço para construção e uso de termos, construções e formas linguísticas adequadas, o exercício de refletir e posicionar-se em relação às temáticas, considerando a vivência pessoal e a necessidade de encontrar um modo de expressão condizente com a situação criada.

Dessa forma, estimulando a capacidade de realizar ações digitais bem sucedidas como parte de situações de vida, que envolvem aquisição e utilização de conhecimentos, técnicas, atitudes e qualidades pessoais, planejamento, execução, avaliação de procedimentos e decisões na solução de tarefas e reflexão sobre o próprio aprendizado, pensamos estar investindo e participando das práticas de letramento(s).

Referências

BACICH, L. & MORAN, J. M. Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. *Revista Pátio*, nº 25, junho, 2015, p. 45-47. Disponível em: <<http://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/11551/aprender-e-ensinar-com-foco-na-educacao-hibrida.aspx>>

Acesso em 28 nov de 2017.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. Campinas: Editora Autores Associados, 1999.

BRONCKART, J.P. Meio século de didática da escrita nos países francófonos: balanços e perspectivas. In RINK, F. & BOCH, F. & ASSIS, J. A. (orgs.) **Letramento e formação universitária**. Campinas: Mercado de letras, 2015, p. 27-56.

CASSANY, D. & HERNÁNDEZ, D. (2012, enero-junio). ¿Internet: 1; Escuela: 0?. *CPU-e, Revista de Investigación Educativa*, 14. Disponível em <http://www.uv.mx/cpue/num14/opinion/cassany_hernandez_internet_1_escuela_0.html>

Acesso em 28 nov de 2017.

CASSANY D. & CASTELLÀ, J. M. Aproximación a la literacidad crítica. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 353-374, jul./dez. 2010

DEMO, P. **Desafios Modernos da Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

KLEIMAN, Angela (org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

KOMESU, Fabiana. (2004a) Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.110-119.

MORAN, José Manuel. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane & MOURA, Eduardo (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012 (Estratégias de ensino).

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 28 nov 2017.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**; tradução Marcos Bagno – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.